

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Leuda Pietsch Debeus

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto

São José do Rio Preto/SP

2013

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral Temática

Entrevistadora: Jurema Rodrigues

Instituição: Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto (098)

Entrevistada: Leuda Pietsch Debeus

Pesquisadora: Jurema Rodrigues

Elaboração do roteiro da pesquisa: Jurema Rodrigues

Local da entrevista: Saguão da residência da entrevistada, prédio situado na Rua Jorge Tibiriça, nº 3355, Edifício América, apto 51, Centro, São José do Rio Preto, São Paulo

Data: 10 de março de 2013

Horário: Às dez horas

Técnica de edição: Lígia Rodrigues e Oliveira

Filmagem: Alunos monitores matriculada na 1ª série do Ensino Médio de 2013

Duração: 46 minutos

Número de vídeos: um

Transcritora: Jurema Rodrigues

Número de páginas: 27

Sinopse da entrevista

Entrevista de história oral temática realizada pela professora Jurema Rodrigues, curadora do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto, São José do Rio Preto, em São Paulo, com a colaboradora, professora Leuda Pietsch Debeus, em 10 de março de 2013, às dez horas, realizada no saguão de entrada do prédio residencial da entrevistada Leuda Pietsch Debeus, Centro, São José do Rio Preto, sobre as temáticas “Escola Artesanal e Ginásio Industrial de São José do Rio Preto”, e sobre a trajetória de docência da entrevistada na disciplina de matemática. Leuda Pietsch Debeus presenteou a escola com a monografia de grande importância histórica sobre a Escola Artesanal e o Ginásio Industrial Estadual (1956 a 1966) quando cursou Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras de São José do Rio Preto. Dessa forma, a entrevista tem a finalidade de compor o projeto “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, proposto pela Maria Lucia Mendes Carvalho, coordenadora de Projetos na CGETEC/DEP/GEPEMHEP - Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza. Após o cumprimento das etapas de filmagem, edição e transcrição da entrevista, finalizam-se o trabalho com a publicação do registro historiográfico, sendo assim, busca fomentar os Estudos de Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza como também busca promover e preservar o acervo do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto.



Leuda Pietsch Debeus e Jurema Rodrigues

Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto

Transcrição da Entrevista

Data da entrevista: 10 de março de 2013

Data da transcrição da entrevista: 10 de junho de 2013

Recebi por e-mail na CGETEC/DEP/GEPEMHEP: 31 de julho de 2025.

Jurema Rodrigues (JR): Então, conte sua história do início.

Leuda Pietsch Debeus (LPD): *(Ruído do barulho do sensor para deficientes do portão de entrada do prédio)* A dona Neide Paula conhecia muito a minha família, e me conhecia, como eu trabalho de substituta na escola.

JR: Você estava na escola ...

LPD: Eu estava lecionando no Victor Britto Bastos, no prédio novo, que é atual já, não, não, no prédio velho, na Rua General Glicério, com a primeira rua que vinha lá do Jordão Reis.

JR: Certo ... Philadelpho Gouvêa Netto?

LPD: Não, não. Aqui era Ginásio Victor Britto Bastos. Eu era normalista.

JR: Hoje é a Avenida Nossa Senhora da Paz que vai para a escola Victor Britto Bastos.

LPD: Não. Para o Victor, é a Bernardino.

JR: Certo.

LPD: Agora, ele ... deixa eu ver ... sabe aquele triângulo que vem lá do Jordão Reis e vai para a Maceno *(Bairro Maceno)*?

JR: Certo.

LPD: Na esquina era a escola Victor Britto Bastos, o antigo ginásio. Depois construíram. Então, eu estava lá no ginásio. Dona Neide, me chamou: “ Eu te indiquei como professora de matemática para a escola artesanal”.

LPD: Falei: - “Poxa vida, eu não tenho faculdade, não tenho nada, Neide! Como que a senhora vai fazer isso? Eu nem sei o programa da matemática”. “É uma matemática simples, porque

a escola é pequena ainda. Você vai para lá! Hoje, você vai sair um pouquinho mais cedo, você pega um ônibus e vai para a escola. Na Rua Independência ...”

JR e LPD: *(Ruído)* “Antônio de Godoy com a Independência”.

LPD: Está bom ... eu submissa, né? Uma amiga da família. Fui, e o diretor me contratou. Aí, eu fui estudar matemática. Matemática seria assim, juros, porcentagem, as operações fundamentais, os números relativos. Então, eu fui estudar, porque sempre fui boa aluna de matemática. E no meu tempo, nós tínhamos exames orais de manhã e à tarde. E eu sempre tive notas boas em matemática. E foi assim que eu fui para lá.

LPD: Depois, com o tempo, eu fiz pedagogia, mas continuei como professora de matemática. Aí, então, os professores que faziam faculdade não gostam muito de ginásial, eles preferem o colegial. Então, eles ficavam com o colegial e eu com matemática do ginásial.

JR: *(Ruído do interfone do portão do prédio)* Ah, entendi. E qual foi a impressão que você teve quando você chegou para trabalhar? Como era a escola? Como funcionava a escola?

LPD: Era desse jeitinho, essa era uma das salas de aula, por isso, que eu fiz questão até de procurar. Essa era uma sala artesanal, eram poucos alunos.

JR: Mais ou menos, quantos? Uns 20?

LPD: Era, deixa eu ver, um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, não chegava a 15.

JR: Uns 15 alunos?

LPD: É, era pequena assim. Agora, aqui está só está só o feminino, porque tinha o masculino que estava com o senhor Milton e com seu Evaldo.

JR: Era separado o feminino do masculino?

LPD: Não, era junto, mas as aulas de mecânica e de, é... eram para os rapazes, era no fundo.

JR: O ensino geral, matemática e português, era tudo junto?

LPD: Tudo junto.

JR: Só separava na parte técnica.

LPD: Tinha a Maria Botelho no Corte e Costura e tinha a.... na... Arte Culinária Você também poderia dar, fazer entrevista com ela, ela mora em frente do Diário da Região.

JR: A Botelho?

LPD: Não, a Botelho não. A Botelho mora no ...

JR: Qual que você está falando?

LPD: Não, como que ela chama ... Você tem a lista dos professores?

JR: Não, não trouxe, é a professora Leonor?

LPD: *(Ruído dos carros da rua)* Leonor é português. Substituiu está aqui, porque a Leonor tinha graduação, substituiu essa. Ela mudou para São Paulo e a Leonor assumiu o cargo.

JR: Então, e como que eram os alunos?

LPD: Eram uma graça.

JR: É?

LPD: Era tão gostoso. A gente brincava. Eu parava, às vezes, com a matemática, brincava, queria saber: - "Por que você está namorando?" " "Ele gosta de você? ". Brincava, assim, né, era muito bom lecionar.

JR: Eles tinham que idade, mais ou menos, nessa escola artesanal?

LPD: Você vai entrevistar essa aqui, ela devia ter mais ou menos uns 13, 12 ... Entre 12 e 13

JR e LPD: Entre 12 e 13.

JR: Ah! Está bom.

LPD: É, depois eu te informo direitinho a idade. Nós fizemos também, já no Ginásio Industrial, uma festa comemorativa não me lembro do que ... talvez o Clóvis se lembre, e... fizemos lá no prédio mesmo. Talvez, a... Eliane tenha mais fotos.

JR: Dessa feira? Porque, o Clóvis falou para mim que ele gostava de fazer feira.

LPD: É, no caso, de Ciências.

JR: E essa festa era o que?

LPD: Essa foi comemorativa, não sei de que por qual data, por isso que eu estou falando que a Eliane deve saber.

JR: E como era a equipe de professores?

LPD: Maravilhosa. Maravilhosa. Todos trabalhando, todos amigos, não tinha diz que diz. Nada, mas, eram poucos. Eram o quê? Português, matemática, ciências, história, geografia. Que pena, a Enerstina já faleceu. Depois, tinha educação física, mecânica, era a sessão masculina. Depois, eu acho que ampliou, quando nós mudamos ali em frente à onde hoje é a faculdade de medicina. Apareceu mais um curso. Ampliou mais quando passou para a Philadelpho. Essa área quem era do Clóvis, Clóvis quem vai saber, o Clóvis é que sabe direitinho.

JR: Era difícil? Tinha alguma coisa que você pode relatar como dificuldade de trabalhar nessa escola artesanal?

LPD: Na minha área, não. Na área da Maria ela ainda tinha todo o maquinário.

JR: Vocês se davam bem, a parte geral com a parte técnica.

LPD: Muito bem. Muito, muito bem. Eram o senhor Milton e o Evaldo na parte técnica. A Botelho na costura. E, eu esqueci o nome dessa colega da ... na cozinha, ela fazia tanta coisa.

JR: Ensinava, então, corte, costura e culinária. E era feita na prática?

LPD: Na prática.

JR: Tinha máquinas de costura?

LPD: (*Ruídos do alarme do portão do prédio*) Tinha máquinas. As máquinas de costura vieram para essa sala, posteriormente. E esta sala mudou para uma maiorzinha, que aumentou o número de alunos. Aí, passou a costura para cá. Tinha máquina de costura, tinha ferro elétrico para passar, tinha tecidos, o Estado mandava tecidos.

JR: Mandava?

LPD: Mandavam muitas coisas. Por isso, que eu acho que a exposição, principalmente, de costura. A de culinária não, porque traziam meninas, as meninas comiam, levavam um pratinho para o diretor experimentar o que estava sendo feito ali.

JR: (*Muitos ruídos*) Que tipo de comida que faziam?

LPD: Salgados e doces. Bolo, cada bolo que elas faziam ... que delícia! Não sei se era porque eu estava com fome.

JR: E salgado, o que que eram?

LPD: Eram pratos, corriqueiros, do dia a dia, e alguns pratos sofisticados para que elas ampliassem o conhecimento.

JR: Tinha também, assim, aulas de boas maneiras, como se comportar?

LPD: Na cozinha.

JR: Tinha, pôr uma mesa ...

LPD: É, ela explicava direitinho como pôr uma mesa, como pegar o garfo, tudo isso ela fazia.

JR: Você lembra de alguma coisa, assim, engraçado, que marcou, ou alguma passagem com algum aluno?

LPD: Não, eu era sempre muito simples, assim, nada de chamar atenção não.

JR: Os alunos gostavam da escola?

LPD: Gostavam, era uma frequência ... era sempre algumas faltinhas, mas não eram faltas coletivas não. (Ruído) ... Era um prédio velho, na frente, tinha a escada que subia, ia para a diretoria até essa sala. (Ruídos) Depois, tinha uma porta de vai-e-vem, que entrava para as outras salas.

JR: As salas não eram grandes? Eram pequenas?

LPD: Não, a frequência era baixa. Era pequena, mas assídua. Agora, aumentou depois, quando ...

JR: Construíram os barracões lá no fundo?

LPD: Não, construíram os barracões para porém os maquinários.

JR: Senhor Clóvis, também foi quem construiu o laboratório no porão. Você lembra disso? Ele falou que os alunos ajudaram. Eles usaram o porão para fazer um laboratório de ciências.

LPD: Com o Clóvis, porque eu dava aula e já saía. Quando me apertaram para fazer faculdade, então eu fazia faculdade e lecionava. Eu saía da Antônio de Godoy e ia para a General Glicério fazer faculdade. Então, eu faltava constante nesse período.

JR: E sua professora foi a Nilce Lodi?

LPD: De educação, de História da Educação, por isso, que eu fiz esse trabalho.

JR: Muito bem-feito o seu trabalho, está de parabéns.

LPD: Muito pequenininho.

JR: Não, mas gostei, porque ali, eu tive muitos dados importantes para pôr nesse projeto.

LPD: Eu comecei de que ano?

JR: Você pegou toda a história, do teu trabalho foi desde 56 até 66, você fez o trabalho.

LPD: Mas eu entrei *Não consegui escutar essa parte*.

JR: Mas você relatou nesse trabalho. Vocês faziam curso de capacitação? Eles vinham dar cursos para vocês? Ou não? Vocês sempre se viraram?

LPD: Eu que tinha que me virar. A Maria ... era muito boa professora de corte e costura, ela era muito detalhista.

JR: Minuciosa ...

LPD: É, a perfeição.

JR: Não era apostila, não era livro didático, eram vocês que preparavam as aulas?

LPD: Exatamente, nós fazíamos o planejamento, cada um na sua área, e corria o ano. Tranquilo, funcionava sem problemas.

JR: Vocês se reuniam sempre para discutir sobre a escola?

LPD: Não, nós conversávamos ...

JR: Nos intervalos?

LPD: É.

JR: Igual hoje!

LPD: A conversinha passageira. “Dona Leuda, você dá tal matéria enquanto ...”. Então, encaixava. Por exemplo, ele precisava de milímetros e polegadas, eu lá sabia de polegada? Precisei estudar. Então, fui, ensinei. E ele aplicava na ...

JR: Professor está sempre aprendendo.

LPD: Tem que estar. Mas, foi um período muito gostoso. Tenho boas lembranças deles. A Tamem entrou de secretária, acho que em 60.

JR: Eu acho que é, mais ou menos, isso mesmo.

LPD: Por aí ... mudou a secretária, acho que ficou até a aposentadoria dela. É da família Cury, né? Você já entrevistou?

JR: Entrevistei, assim ... um pouco. Ela anda meio depressiva, mas ela está bonitona, né.

LPD: O irmão dela faleceu mês passado.

JR: Ela foi muito dedicada, uma secretária dedicada.

LPD: Foi, muito, muito, muito atenciosa.

JR: Quando passou para o Ginásio Industrial, foi em 63?

LPD: Foi em 63?

JR: É, passou para o Ginásio Industrial.

LPD: Ali no prédio ...

JR: Aqui, na Antônio de Godoy, perto da Independência. Como que era o Ginásio Industrial? Como que era o Ginásio Industrial?

LPD: Essa aqui (*Leuda mostra uma foto*).

JR: Aqui já era turma do Ginásio? Aqui era o pátio?

LPD: Aqui era uma sala grande.

JR: O refeitório?

LPD: Não era o refeitório.

LPD: Não era assim no horizontal, era no vertical.

JR: Era sala de reunião?

LPD: Era cozinha mesmo, bem.

JR: Era uma sala prática?

LPD: Tinha fogão, geladeira, mesa, todo material.

JR: Quando tiraram culinária?

LPD: Ainda não, continua corte e costura e culinária no Ginásio Industrial.

JR: Mudou só o nome ou número de alunos.

LPD: Ampliou, ampliou o número de alunos, né. Nós fomos para lá em um prédio desastrado, mas deu para colocar alunos.

JR: Está falando lá da Avenida Faria Lima perto do Hospital de Base?

LPD: É, na frente, entrava numa sala da diretoria, depois entrava nas salas de aula, na parte disciplinar, depois virava e ia para o galpão, tinha a lanchonete, depois seguia ia para a sala de corte e costura, depois ia oficina mecânica, e foi aí que aumentou mecânica, aí o Clóvis que sabe, não me lembro bem, tinha o bloco de oficina de mecânica, tinha o Nilton.

JR: Tinha no convívio dos professores, tinha uma certa rivalidade com o convívio dos professores da parte geral ou não?

LPD: Tinha nada, eram amigos, brincavam na sala de descanso, no refeitório, na dos professores, reuniam e brincavam os professores, a gente brincava muito. Sabe quem lecionava muito tempo lá... (Corta isso) Bom, depois eu conto, se eu lembrar, o Clóvis deve saber. Ampliou bastante lá de cima, aí tivemos bastante alunos.

JR: Quando vocês foram para lá tinha o Ginásio Industrial e veio o Colégio Técnico também.

LPD: Aí mudou já né.

JR: E tinha poucas salas do Ginásio Industrial e aí começou o Colégio Técnico também.

LPD: Aí começou fundir sabe.

JR: Quando vocês foram para lá, o senhor Clóvis falou que tinha poucas salas do Colégio Industrial quando começou junto com o Ginásio, aí começou, depois foi ficando uma escola só.

LPD: Foi pouquinho, foi devagar, não foi assim, chegou lá e fez., depois ampliou

JR: O senhor Clóvis falou assim que os alunos da Escola Artesanal eram assim socialmente eram muitos pobres.

LPD: Eram sim, eram pobres, nós tínhamos alunos do Alarme (Instituto Alarme), bons alunos do Alarme, que gracinhas, que era perto né, Alarme ali Escola Industrial, e tivemos vários alunos do Alarme. Eu tenho boa recordação, deles, um deles mesmo, (não, isso foi do Ginásio), um aluno ele começou a faltar, faltar, eu, um dia encontrei com ele, disse: - Que foi filho, Osvaldo você está faltando, por que você está faltando, filho? - Aí Dona Leuda... não sei, tou tão triste, minha vida, eu moro longe. De fato, naquela época Rio Preto terminava mais ou menos aqui na Avenida Andaló, era tudo barro, estrada de barro, eles moravam onde quase perto de Engenheiro Schmidt tudo terra, era terrível para ele ir, ele a irmã irem. Eu Disse: - Ah! Osvaldo não falta, isso não, continue indo, você já está indo para a quarta série, está na terceira série do Ginásio, não falta, vai volta, volta. Um dia, ele me aparece lá no Ginásio. - Professora, a senhora me ensina matemática? Eu falei: - Por que te ensino matemática? - Não, é que vou prestar concurso para policial, como que é para militar, esses de trânsito, de rodovia federal...

JR: Rodoviária.

LPD: É rodoviária. Eu falei assim, Ele falou assim: - A senhora me animou outro dia, eu já fiz dois anos, eu passei nesses dois anos, agora em matemática é meu problema.

LPD: Eu falei: - Então vamos em matemática. Tinha alunos de medicina, de advocacia, que eram as duas faculdades que tinham, tinha advogados formados, prestaram e foram

reprovados, e ele passou. Aí eu batalhei com ele dentro da sala, eu dava aula, e apertava o passo dele: - Isso não é assim, é assim, assim, mas não era para classe, era só para ele. Aí eu fui dando umas aulas particulares, não particulares não, à parte, para ele, não é que ele passa?

JR: Qual que era o nome dele?

LPD Osvaldo... Ele já se aposentou.

JR: Osvaldo?

LPD: Osvaldo, mas não me lembro do sobrenome dele. E ele passou, passou em matemática, passou em português, aí foi, ele veio: – Dona Leuda, eu passei. Eu falei: – Então me dê um abraço meu filho, que que é isso. Você passou? Brincando com ele. - Agora, se você me encontra na rodoviária, não para o meu carro não, porque eu estou transportando mercadoria proibida. (Risos) E realmente sem querer, eu passei um pouco do Ginásio, do Philadelpho, e fui lecionar psicologia em José Bonifácio, e um dia, eu tenho, tinha uma aluna que me dava muita garrafinha de coca, de guaranazinha, foi que aí passei comprar dela, um dia estou vindo sossegada, tranquila na rodovia, quando eu vejo o sinal de parar, - Viche eu estou com um monte de guaraná aí atrás, se descobrem, vão me multar né porque, eu não tenho nota, aí veio o guarda, - A senhora por favor, a senhora.... Aí veio, -Ela foi minha professora, pessoa boa, não, não, não. O Osvaldo!! Eu falei: - Osvaldo, eu estou com um monte de coca, guaranazinha aí sem nota. - Não fica quieta, vai, vamos, vamos. - Esta você não vai ver não, eu não deixo. Aí eles fizeram entre eles. - Dona Leuda, pode seguir. (Risos) Olha! Não fui multada não.

JR: (Risos)

LPD: (Risos) Mas poderia ter sido, porque eu estava com mercadoria sem nota.

JR: (Risos) É esses fatos marcam né?

LPD: Marcam! E eu só encontrei há tempos aqui atrás do Atacadão, ele já tinha se aposentado na rodoviária, estava na firma e continuava trabalhar que família espetacular dele, preto.

JR: Sobrenome? AH! ele era negro?

LPD: *(Ruídos)* Era! Entre moreno escuro e, nessa faixa né. Mas aqueles dentes dele era maravilhoso, Osvaldo dá uma risada para mim., deixa eu ver os seus dentes? Brincava com meus alunos, sabe? *(Risos)* No Ginásio também, no Philadelpho também, não, eu lecionei anos e anos no sábado à tarde.

JR: Sábado?

LPD: É sábado à tarde e com boa frequência.

JR: Mas onde? Lá no Aeroporto?

LPD: *(Ruídos)* É lá no Aeroporto

JR: Tinha aulas aos sábados?

LPD: Tinha, de manhã e à tarde. Minha filha ainda era grandinha, ela é de setenta e seis, isso já era em oitenta e pouco, e nós lecionamos e com frequência alta, frequência alta

JR: Quando que mudou assim socialmente o nível lá no Philadelpho ou na perto do....

LPD: Já subiu aqui um pouco

JR: AH! Já melhorou aqui mesmo na Antônio de Godoy.

LPD: É subiu mais quando foi para o Philadelpho.... O Philadelpho tinha um problema com o Aeroporto, chegava nove horas, nove e quarenta, você tinha que parar de dar aula, que as turbinas eles vinham, aceleravam a turbina para virar para decolar, nessas horas tinha que parar, eles falavam: - Des-can-so! Re-crei-o. Psiu Dona Leuda, vamos ouvir. Tá bom, então vamos ouvir. Tem que parar a aula, não dava, era forte, porque eu ficava com a parte do lado do Aeroporto, as salas do lado do Aeroporto em cima, então tinha de parar, pelo menos alguns minutinhos, tinha que parar, até que “frilasse”, subisse

JR: *(Ruído)* E, às vezes acontece isso.

LPD: Acontece né.

JR: Tem que esperar para depois continuar explicando. O barulho hoje é mais silencioso, é menos barulho.

LPD: Não, não porque agora tem um atrás do outro, né? Lá era uma vez só, um ou outro. Lá tinha um ou dois que tinha. Era pequeno o Aeroporto.

JR: Como foi ir para o outro prédio novo?

LPD: Ah! Foi uma barra

JR: Foi uma festa?

LPD: Foi uma barra, entre nós só, não teve comemoração, não teve nada, nós fomos.

JR: Mas, teve inauguração?

LPD: Teve, no primeiro, eu acho

JR: Eu tenho foto.

LPD: É teve depois, com autoridade para variar né, com autoridades presentes, mas eu não tenho foto nenhuma dessas.

JR: Lá tem. Depois foi uma conquista, uma festa ir para o prédio novo?

LPD: Bom ali nós tivemos alunos novos que foram para lá, matricularam-se naquela época, e os que foram, foram felizes da vida, porque foram para o prédio novo, mas eles acompanharam, acompanharam sim.... Só não me lembro se foi, não foi, educação artística e corte costura, não foram não para lá, não no Philadelpho, não foram.

JR: Eu gostei dessa história que a senhora lembrou desse aluno, qual outra história você lembra? Pode ser com aluno, pode ser com professor.

LPD: Silêncio.

JR: Essa aluna que você falou que tá até na foto, ela foi sua aluna?

LPD: Ela foi minha aluna e foi minha professora de música.

JR: AH! conta, conta.

LPD: Ela foi minha aluna no....

JR: Ela chama?

LPD: Eliane.

JR: Eliane do quê?

LPD: Acho que é Carvalho, não tenho certeza. Ela é sobrinha da Maria, sabe.

JR: Ela foi aluna onde aqui ou lá no prédio novo?

LPD: Ela foi aqui na Artesanal.

JR: Estava aqui na Artesanal.

LPD: Deixa eu ver se tenho ela.

JR: Você falou que ela estava aqui, sentada aqui.... *(Mostrando fotos)*

LPD: É essa, essa, ela era linda, linda, linda. Aluno monitor da filmagem da entrevista: Mostra foto para mim.

JR: Da Eliane? É essa daqui *(Dirigindo-se ao aluno monitor)*. Focalizou?

JR: Então ela foi a sua professora?

LPD: Ela foi a minha aluna. Ela conta que eu exigia deles, pegava a fita métrica e tinha que contar os milímetros. - Hoje, dona Leuda, sabe o que eu faço, pego a fita métrica e dobro, e a vejo a metade gente. Aqui é um terço, mas eu já esqueci.

LPD: A Eliana é fabulosa. E se for ver, tem que ser prática, porque os alunos donos de casa né, como que vai saber metade, cinquenta centímetro, vinte e cinco centímetros. Ela falou

agora eu não, eu dobro, trago a fita métrica, mas eu gosto. - Tá bom Eliane, então tá bom. Tem que ser na prática, né? E ela foi minha professora aqui na, espera um pouquinho, aqui no Senac fica?

JR: Senac.

LPD: E aquele lá perto da represa?

JR: Sesi.

LPD: Então, no Sesi.

JR: Professora do quê?

LPD: Ela foi de corte e costura.

JR: Ah! Você fez curso de corte e costura?

LPD: No Sesi, fiz! E ela foi....

JR: E ela aprendeu com a Maria Botelho?

LPD: Ela aprendeu com a Maria Botelho. A Maria Botelho era exigente, enérgica, não admitia pro... um erro, uma costura...

JR: Que não fosse reta.

LPD: Reta, muito detalhista, mas muito boa pessoa....

JR: Então a Eliane foi sua?

LPD: Foi aluna e, depois, minha professora.

JR: Você encontra com ela?

LPD: Eliane? Só se for, uma, duas ou três vezes, faz tempo que não encontro Eliane.) Você quer que eu veja o contato de vocês duas?

JR: Isso para ela, foto....

LPD: Eu vou telefonar para ela, eu vou pegar a lista.

JR: Depois você me passa o contato dela.

LPD: Eu também não tenho o seu telefone.

JR: Mas eu vou dar ainda da escola também, vou dar.

LPD: Então, você, ela vai ser mais rica em detalhe sobre a Escola Artesanal. Então, às vezes elas tem ou as colegas, ela tem dessa aqui, ela me falou: - Dona Leuda, tenho uma foto da Artesanal que a senhora estava dando aula, na foto. Eu estava fingindo que eu estava dando aula (na foto), né.

JR: (Risos)

LPD: (Risos) Ai, ai, mas eu vou entrar em contato com ela, mas eu vou entrar em contato com, vou ver, não sei se ela está viva (Maria Botelho).

JR: É viva, eu liguei para ela

JR: Eu vou conversar com ela ainda. A senhora não lembra de uma aluna que se chama Fátima Quintiliano?

LPD: Não!

JR: (Ruído) Então a Fátima tem contato com a Maria Botelho, né. Eu liguei para dona Maria Botelho, eu vou falar com ela.

LPD: Pode fazer a entrevista, porque ela é mara-vi-lho-sa! Ela é calma, ela é pode dar, ela é mais antiga do que eu, porque quando eu comecei, ela já estava lá. Eu acho que o... da Escola Artesanal.

JR: Ela entrou em 58

LPD: Em 58?

JR: Pelo que vi no Livro de posse, mas ela pode ter entrado antes também.

LPD: É pode ter entrado antes.

JR: Eu acho, que foi em, não tenho certeza, mas acho que foi em 56.

LPD: Ah! Entendi. Maria sabe mais. A Maria, e, gozado o senhor Nilton e senhor Evaldo também eram da Escola Artesanal

JR: Era, eu conversar, já marquei com o senhor Evaldo. Ele e o seu Nilton eram os pioneiros.

LPD: O Clóvis que não era, o Clóvis da Artesanal.

JR: Não, o Clóvis já foi do Ginásio Industrial.

LPD: Eles faziam festas nas oficinas de mecânica, bom né, porque eles fazem na bancada. (Muito ruído do barulho do prédio) É faziam joguinho de.... (Muito ruído do barulho do prédio). Peças simples sabe, faziam coisinhas bonitinhas, o senhor Milton que vai te contar isso, que eram jovens com deficiência, ai eu tive um aluno que não consegui, ele era cego, eu não consegui dar aula para ele. A professora especializada do Estado foi me ensinar, mas era só ele aí, sabe? Eu tive dificuldade de ensinar matemática para ele. Hoje, ele vende bilhete ou é no Bradesco ou no Shopping da Praça.

JR: Você lembra do nome dele?

LPD: Osvaldo, acho que era Osvaldo também, lembro, mas não tenho certeza. Osvaldo era muito comum.

JR: Ah! era muito comum, nome Osvaldo? Então ele ainda está vendendo, ele fez Ginásio Industrial ou ele fez Artesanal?

LPD: Ele fez assim, ele entrou e ficou pouco tempo.

JR: Mas foi do Ginásio Industrial ou Artesanal?

LPD: Já foi lá em cima.

JR: Ah! Então já foi Ginásio.

LPD: Foi Ginásio Nós tentamos fazer, atender deficientes, mas não conseguimos. Ah! Tem uma passagem. Eu tinha uma classe de terceira série de ginásial, de segunda série ginásial, na época era de segunda série ginásial, hoje é sexta, sétima né.

JR: Sétima né.

LPD: Tinha dois irmãozinhos, mas gêmeos, e agora? Quem é quem, então eu pus quem aqui, quem ali, e o pai deles era dono de um posto de gasolina na Avenida dos Estudantes com aquela perto do Tome Leve, pegava, tudo terra para lá, tudo terra. Aí um dia ele virou e disse que queria que os filhos se formassem, eu disse, vou conversar com o professor, né, com o diretor, porque os meninos queriam que eu fosse na coordenação, e fizeram uma oferta para eles, ali do lado do Beto tem os viajantes onde a Maria foi muito bacana. E este pai participou bastante, nós tivemos também naquele prédio um almoço que os professores foram para cozinhar junto com a professora de tinha, - Ai meu Deus! É com e o nome dela, não lembro mesmo, ela poderia falar muito bem, porque ela dava aula.

JR: Aí vocês foram para cozinha cortar....

LPD: Aí eu fui cortar couve, cortar couve. Um senhor almoço, os alunos foram, as famílias foram.

JR: Era para arrecadar fundos.

LPD: Eu não sei para onde foi destinado isso, mas era para alguma coisa para melhorar a escola.

JR: Já lá no Aeroporto?

LPD: Não, não, aqui em frente à Faculdade.

JR: Ah! Certo.

LPD: Também a faculdade ali terminava Rio Preto, né.

JR: Sim.

LPD: Era tudo, uma fazenda, uma chácara, o ônibus chegava até ali na escola e voltava de pressinha.

JR: A senhora estava contando dos gêmeos.

LPD: Então foi a participação ativa que nós tivemos de pais e foi a única formatura que nós tivemos ali. Assim, oficial, com professores.

JR: Onde aqui?

LPD: Gozado, aparece que o Clóvis já era diretor ou assistente lá.

JR: Em 66, ele entrou e ficou como professor e depois já foi para a vice direção.

LPD: É sim, acho que foi o Clóvis, que eu me lembre de festa de formatura é essa, foi a única.

JR: Ah! Aqui.

LPD: É, depois nunca mais tivemos, ah! Teve lá uma festa, foi com Armando, Armando que era o diretor, Armando Poles, nós fizemos uma festa junina com coroação de rainha, é foi, toda bem social, bem, enorme.

JR: Ah! Festa junina com coroação de rainha?

LPD: É da rainha da escola. Eles devem ter até a coroa lá, foi eu que fiz,

JR: Foi você que fez a coroa?

LPD: A coroa e a faixa. Não sei se tem, né, faz tantos anos.

JR: Isso já no PhiladeLPDho, lá, na Avenida dos Estudantes?

LPD: Foi grande, foi o Armando que fez esta festa, ele pode te contar, você conhece Armando Poles?

JR: Eu vi umas fotos de um concurso de rainha, cada moça linda.

LPD: *Você está pensando que eu lecionava para pouca porcaria, não, era fina., tinha uma história..., mas não filma não.*

PARTE 2

JR: Trabalhava os três períodos?

LPD: Eu trabalhava os três períodos, mas eu estava com um número de aulas que ... bom, quando eu fui para lá, já estava formada.

JR: Lá você já trabalhou só de manhã e à tarde?

LPD: De manhã, a tarde e à noite, bem.

JR: Ah, os três períodos ...

LPD: Não estou falando que eu precisava esperar o avião subir para depois dar aula.

LPD: Ah! Um dia, acho que foi com Armando, se não me engano, fizemos uma campanha para permanecer a sala arrumada. Eles, os alunos, eles, os alunos lavaram janelas, passaram lixa no chão e enceraram. As carteiras eram impecáveis. Cada um tinha a sua carteira, e o da manhã, da tarde, da noite, nós tínhamos a coordenação. A escola foi um “brinco” quando reformou, e eles conservaram. E ora que eram 32, 35 alunos ...

JR: 32 a 35 por sala?

LPD: É de mais de 30.... ou então ... estavam entre 28 e 32, não me lembro bem, mas era bastante. Você precisava ver.

JR: Vocês faziam festa lá?

LPD: Festa, a gente fazia sempre com os alunos! Até na sala de aula, nós fazíamos, porque é cansativo. Você já imaginou? Sábado ... eles trabalhavam já, muitos deles trabalhavam. E, chegava sábado, tinha que assistir aula. Então, às vezes, a gente reservava uma hora para brincar com eles. Amiguinho secreto, ou algum lanchinho ... coisinha pequena, não grande, a gente distraía um pouquinho, porque é terrível, matemática é terrível, e se não levasse na amizade, você não consegue nada. Ah! Rsrsrcs!

JR: O que que você tem saudade?

LPD: De lecionar. Gozado, né? Você perguntar para um professor: “Do que você sente saudade?”. Porque, todas as escolas que eu fui, eu tive diretores maravilhosos. E mesmo quando eu saí do Philadelpho e fui para José Bonifácio, lá, também, a direção é maravilhosa. Depois, eu voltei para o Philadelpho, que era ali que eu era efetivada. Aí, eu fiquei mais um tempo. Depois, aí eu fui para o Victor Britto Bastos, com diretores maravilhosos, uma escola maravilhosa. Depois, eles foram lá para cima, atrás da Igreja da Maceno. E depois de lá, eu fui para o Teixeira Marques, e lá me aposentei.

JR: Saudades de estar ...

LPD: De lecionar, mas, naquele tempo, família ainda mandava o filho “calar a boca”. Hoje, o filho que manda o pai “calar a boca”, né?

LPD: E quando eu entrava na sala de aula, primeira coisa, eu ficava em pé, quietinha ... - Boa tarde/boa noite/bom dia! Sentem ... - Vocês estão bem, tem algum probleminha com matemática? - Não, professora. Não sei nada de matemática. Falei: - Que judiação, que professora chata, essa, não? Brincava com eles. E de costas, eu chamava atenção de aluno pela voz. - Fulano, presta atenção bem que eu já estou pondo coisa aqui na lousa. - Puxa, Dona Leuda, até de costas! Falei: - Meu anjinho da guarda está aqui”. Brincava, eu sempre brincava, sempre brinquei com os meus alunos.

LPD: E senti quando eu me aposentei, até hoje eu sonho que estou lecionando, gente. Até hoje, e eu já fiz 27 (vinte e sete) anos de aposentadoria.

JR: 27 (vinte e sete) anos aposentada?

LPD: Eu me aposentei com 50 (*cinquenta anos*), eu estou com 77 (*setenta anos*). E eu sonho que eu preciso fazer caderneta e eu não fiz rascunho, como eu vou saber o que eu dei em janeiro? Em fevereiro? Em março? Sonho! Gozado, né? Minha vida é essa.

JR: Prazer, viu ...

LPD: Eu que tenho o prazer aqui de receber alunos! Olha que gracinha!

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Leuda Pietsch Debeus

Jurema Rodrigues

Etec Philadelpho Gouveia Netto

Componente Curricular

Educação Matemática

Escola Artesanal

Economia doméstica

Ginásio Industrial

Prédios Escolares

Culinária

Costura

Mecânica

Dados Biográficos do Entrevistada



Leuda Pietsch Debeus

Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto

Leuda Pietsch Debeus - Nascida em 24 de agosto de 1934 na cidade de Mirassol, SP. Em 1954, concluiu o Curso Normal na Escola Estadual Professor Monsenhor Gonçalves. Iniciou suas atividades de docente na Escola Artesanal em 1959, sob a indicação da Assistente de Direção da Escola de 1º Grau Professor “Vitor Brito Bastos”. Licenciada em Pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em 1966. No mesmo ano, tornou-se estável e tomou posse para ministrar aulas de Matemática no Ginásio Industrial. Lecionou no Philadelpho Gouvêa Netto em períodos intercalados de 1959 a 1980. Em 2012, já aposentada desde os cinquenta anos, lembra-se com muito orgulho do seu trabalho de docente na Escola Artesanal, Escola Industrial, Ginásio Industrial, Ginásio Industrial Philadelpho Gouvêa Netto como passou a denominar em 1967. Também lecionou no Colégio Industrial quando houve a junção do Ginásio e do Colégio. Lembranças que a comove, como professora dedicada, sente saudades e falta de lecionar, inclusive, nos relatou que ainda sonha estar lecionando no Ginásio Industrial. Aproveitamos para agradecê-la pela monografia realizada no 4º ano de Pedagogia que tanto nos serviu para desenvolver não só o projeto: Resgatando a história do Philadelpho – Ginásio Industrial como também o Resgate da história do Philadelpho - Escola Artesanal.

Dados Biográficos da entrevistadora



Jurema Rodrigues

Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto

Jurema Rodrigues - Licenciada em Letras pela FARFI - Faculdade Riopretense de Filosofia Ciências e Letras, São José do Rio Preto/SP (1984). Licenciatura Plena em Pedagogia com Habilitação em Administração Escolar 1º e 2º graus pela Faculdade de Educação “Antonio Augusto Reis Neves” - Barretos/SP (1986). Magistério Matérias Pedagógicas de 2º grau pela

Faculdade de Educação “Antonio Augusto Reis Neves” – Barretos/SP (1992). Pós-Graduação “Lato Sensu” - Especialização em Língua Portuguesa - UNICAMP (2013). Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo de 1986 a 2013. Professora de Língua Portuguesa e Literatura (1996 a 2013) da Escola Técnica Estadual PhiladeLPDho Gouvêa Netto. Faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional do Centro Paula Souza - GEPEMHEP desde 2012. Curadora do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual PhiladeLPDho Gouvêa Netto desde 2013. Autora das publicações historiográficas registradas no site da Escola Técnica Estadual PhiladeLPDho Gouvêa Netto: <https://etecphiladeLPDho.cps.sp.gov.br/centro-de-memoria-da-etec-philadeLPDho-gouvea-netto/>

Anexos: (Documentos sigilosos e não abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Leuda Pietsch Debeus

Termo de Autorização para uso de Imagem de Leuda Pietsch Debeus